

# O TURISMO PEDAGÓGICO (TP) NA ESCOLA COMO FERRAMENTA DE REDUÇÃO DO TRANSTORNO DO DÉFICIT DE NATUREZA (TDN)

Gicele Santos da Silva<sup>1</sup>

<sup>1</sup>UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre - RS, Brasil.  
[professoragicelesantos@gmail.com](mailto:professoragicelesantos@gmail.com) | <https://orcid.org/0009-0001-8624-1600>

**Resumo:** O Artigo tem por finalidade discutir e compreender os benefícios oriundos da relação da criança com a natureza, impulsionando o seu desenvolvimento cognitivo, motor e criativo, dentre outros. Na análise encontram-se o Transtorno do Déficit de Natureza (TDN), o Turismo Pedagógico (TP) e a Escola em uma Formação de Professores qualificada. Tendo como método uma pesquisa exploratória e descritiva através de um levantamento bibliográfico de autores e publicações que dão ênfase à temática. O objetivo geral consiste na análise do Turismo Pedagógico como uma potencial ferramenta de combate para o Transtorno de Déficit de Natureza e a importância da Escola em uma Formação de Professores, com foco na Educação Ambiental. Como objetivos específicos: Compreender o Transtorno de Déficit de Natureza; Analisar o Turismo Pedagógico, além de detalhar o importante papel da Escola como formadora neste processo. Dando base para responder à questão objeto do estudo: Como a Escola pode auxiliar na diminuição do Transtorno de Déficit de Natureza (TDN), com a Formação de Professores com foco na Educação Ambiental (EA) e da prática do Turismo Pedagógico (TP)? A compreensão da urgência do estabelecimento de uma relação do Transtorno de Déficit de Natureza (TDN), com um Turismo Pedagógico (TP) é imediata, para a melhora da saúde e do desenvolvimento das nossas crianças, e a Escola e seus docentes neste cenário devem ser os protagonistas.

**Palavras-chave:** Transtorno de Déficit de Natureza (TDN); Turismo Pedagógico (TP); Escola; Natureza; Saúde.

## INTRODUÇÃO

O Artigo possui como tema central o Turismo Pedagógico (TP) e a sua importância como ferramenta de ação contra o Transtorno de Déficit de Natureza (TDN) e a importância da Escola para uma Formação de Professores, com foco na Educação Ambiental, situação que preocupa os docentes, os psicólogos e os psicopedagogos. Tendo como questionamento os desdobramentos da ação da Escola na geração de oportunidades de contato da criança com a natureza auxiliando no seu desenvolvimento e no combate ao TDN.

O objetivo geral consiste na análise do Turismo Pedagógico (TP) como uma potencial ferramenta de combate para o Transtorno de Déficit de Natureza (TDN). Como objetivos específicos, compreender o Transtorno de Déficit de Natureza (TDN), analisar o Turismo Pedagógico (TP) e detalhar o importante papel da Escola neste processo e respondendo à questão objeto do estudo: Como a Escola pode auxiliar na diminuição do Transtorno de Déficit de Natureza (TDN), com a Formação do Professor com a prática do Turismo Pedagógico (TP)?

O assunto para elaboração deste Artigo surgiu no decorrer da leitura do livro “A Última Criança na Natureza: Resgatando Nossas Crianças do Transtorno de Déficit da Natureza”, de Richard Louv, publicado no ano de 2016. O contato com essa obra despertou a curiosidade e a necessidade de um aprofundamento nas questões referentes à relação entre a criança e a natureza. Observa-se, nas práticas contemporâneas, que esse contato está desaparecendo, pois, as crianças têm passado a maior parte do seu tempo livre em frente a telas.

Esta situação provocou outra questão que suscita interesse de pesquisa que é o Transtorno de Déficit de Natureza (TDN), assunto diretamente associado com o Turismo Pedagógico. Sendo o Turismo Pedagógico uma ferramenta extremamente importante para o combate a TDN. Ação que com o apoio e intervenção da Escola torna-se uma ferramenta de grande importância, com a Escola gerando momentos

para que a criança vivencie a natureza, além de apropriar ao currículo práticas pedagógicas junto à natureza. Entende-se que as crianças necessitam crescer usufruindo do contato com ela e presume-se que essa relação pode contribuir para o desenvolvimento integral dos sujeitos.

O Capítulo está dividido em dois subtítulos, o primeiro visa compreender o Transtorno de Déficit de Natureza (TDN) e os desdobramentos do transtorno no desenvolvimento cognitivo, sensório-motor na relação das crianças com a natureza; o segundo visa analisar o potencial do Turismo Pedagógico, como ferramenta no combate da TDN.

Para o desenvolvimento do Artigo estabeleceu-se os objetivos necessários para uma apreciação total da temática abordada. O objetivo geral consiste na análise do Turismo Pedagógico (TP), como uma potencial ferramenta de combate para o Transtorno de Déficit de Natureza (TDN).

Como objetivos específicos: Compreender o Transtorno de Déficit de Natureza (TDN), sua origem, características e prejuízos para as crianças, além das preocupações na atualidade, com uma geração totalmente tecnológica; Analisar o Turismo Pedagógico (TP), sua relevância e importância e ações potenciais como uma ferramenta de extrema importância para diminuir a incidência de casos de Transtorno de Déficit de Natureza (TDN) e Detalhar o importante papel da Escola neste processo de combate do Transtorno de Déficit de Natureza (TDN), suas práticas e necessidades de inclusão no Currículo Escolar de oportunidades para organização e realização de atividades junto à natureza, provocando e conscientizando o aluno sobre a importância do seu relacionamento com a natureza e para com os seus.

Os objetivos definidos darão condições de responder à questão objeto do estudo do Capítulo: Como a Escola pode auxiliar na diminuição do Transtorno de Déficit de Natureza (TDN), com a Formação de Professores com foco na Educação Ambiental (EA) e da prática do Turismo Pedagógico (TP)?

A compreensão da urgência do estabelecimento de uma relação do Transtorno de Déficit de Natureza (TDN), com um Turismo Pedagógico (TP) é imediata, para a melhora da saúde e do desenvolvimento das nossas crianças, e a Escola e seus docentes neste cenário devem ser os protagonistas.

## MATERIAL E MÉTODOS

O estudo desenvolvido apresenta-se como um estado da arte sobre o “Turismo Pedagógico como ferramenta de redução do Transtorno do Déficit de Natureza”. Para o desenvolvimento do problema de pesquisa, utilizou-se um processo metodológico contemplando a realização de uma pesquisa exploratória e descritiva, partindo do preconizado pela revisão bibliográfica, objetivando o nivelamento dos conhecimentos. Com esse nivelamento, é possível a extração de uma visão crítica, dos aspectos norteadores, com o intuito de promover um maior conhecimento na área de estudo, através de bibliografias de autores que dão ênfase à questão e nas suas contribuições. As buscas bibliográficas foram realizadas no período entre dezembro de 2023 e fevereiro de 2024. A natureza quanto à abordagem da pesquisa fora destacada pelo levantamento bibliográfico em livros e artigos de autores voltados para a temática abordada, além de publicações em periódicos e diretórios acadêmicos, como a *Scielo* - Biblioteca Eletrônica Científica Online, e pelo *Google Scholar* - Plataforma de Pesquisa Online.

A questão que orientou a busca pelos materiais de pesquisa apresenta-se: Como a Escola pode auxiliar na diminuição do Transtorno de Déficit de Natureza (TDN), com a Formação de Professores com foco na Educação Ambiental (EA) e da prática do Turismo Pedagógico (TP)?

Os descritores foram escolhidos de forma a representar plenamente a temática abordada e desenvolvida no estudo. Concluindo a leitura dos materiais pesquisados, e relacionando-os com o objetivo de pesquisa, realizou-se a explanação do assunto.

Segundo Gil (2002):

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas (Gil, 2002, p.44).

Para Triviños (1987, p. 110): “[...] o estudo descritivo pretende descrever com exatidão os fatos e fenômenos de determinada realidade”, de modo que o estudo descritivo é utilizado quando a intenção do pesquisador é conhecer determinada comunidade, suas características, valores e problemas relacionados à cultura.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO - O TRANSTORNO DO DÉFICIT DE NATUREZA (TDN) E O TURISMO PEDAGÓGICO (TP) COMO FERRAMENTA DE AÇÃO.

### **O Transtorno do Déficit de Natureza (TDN) – Uma Ação Emergente para a Saúde da Criança.**

O Transtorno do Déficit de Natureza (TDN) é relatado pela literatura desde 2005. Refere-se aos impactos negativos relacionados ao distanciamento das crianças da natureza, do brincar e do aprender ao ar livre. O termo foi utilizado pelo autor, pesquisador e jornalista americano Richard Louv, cofundador da *Children & Nature Network*. Seu sétimo livro, *Last Child in the Woods: Saving Our Children From Nature-Deficit Disorder* (2016) – no Brasil: “A Última Criança na Natureza: Resgatando nossas Crianças do Transtorno de Déficit de Natureza” (2016) - que investiga a relação das crianças e o mundo natural em contextos atuais e históricos, provocados por um estilo de vida sedentário, sem contato direto com a natureza.

O termo apresenta-se como uma forma eficaz de chamar a atenção para uma situação emergente, que provoca alterações nas condições físicas (falta de movimento, obesidade ou miopia), mentais (estresse e ansiedade) – e comportamentais (dificuldades de sono e hiperatividade) no indivíduo que podem facilmente ser observados e diagnosticados por profissionais médicos. Tendo a incidência com menos de 12 anos e apresentou uma maior evidência após o período Pandêmico da COVID-19.

O Transtorno vem sendo pesquisado por diversas áreas como a educação, a medicina, a psicologia e a neurociências. Faz-se necessária uma intervenção contrária, na constatação de uma evolução do Transtorno de Déficit de Natureza (TDN), pois os indivíduos não tratados terão situações de sofrimento na vida adulta, com problemas de ordem social, comportamental, bem-estar físico e mental.

Todas as faixas etárias têm seus próprios marcos que podem afetar seu desenvolvimento e crescimento. Os marcos infantis se concentram no desenvolvimento de habilidades motoras finas e grossas, interações sociais e os primeiros, como o primeiro banho.

O contato com a natureza, especialmente entre o zero aos 9 anos transforma os marcos da infância de uma forma extremamente positiva e mais saudável, tais como a sua imunidade, a memória, o sono, a capacidade de aprendizado, a sociabilidade, e as capacidades físicas. Qualificando, também as capacidades executivas, como planejamento, atenção, formação de novas memórias, controle inibitório, tomada de decisão e liberação de neurotransmissores, que provocam significativamente para a criança uma sensação de relaxamento e de bem-estar.

Estudos apontam mutualidade nos benefícios, assim como as crianças e adolescentes precisam da natureza, a natureza também precisa delas. Cabe registrar os importantes benefícios desse maravilhoso contato associado ao desenvolvimento socioemocional, a aprendizagem de cuidados consigo, com o outro e com o ambiente e o senso de pertencimento e de interdependência. Ou seja, a empatia, pois existe uma ligação especial entre o meio ambiente, a saúde e a qualidade de vida (Bonfim, 2010).

Devido à grande importância no Brasil, através da sua Constituição Federal de 1988, em seu Artigo 225 (Brasil, 1988), define que o acesso à natureza é um direito fundamental que registra: “[...] todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações”.

A promoção de uma infância mais rica em natureza é fundamental e é necessário que existam ações organizadas pelos diferentes setores da sociedade. As áreas educacionais, as instituições de ensino, as famílias, a saúde e a assistência social, assim como o meio ambiente, a arquitetura e urbanismo, têm o dever de contribuir para uma maior aproximação da vivência com a natureza, promovendo um desenvolvimento mais saudável das crianças nas cidades. A ação de aproximar as crianças com a natureza representa mais um passo em direção à construção de uma cidade boa para as crianças e para todos os seus habitantes.

Atualmente, cada vez mais pais e algumas escolas estão percebendo a importância de proporcionar contato com a natureza para as crianças, tornando-a um espaço educativo. Além disso, acreditam que estimular experiências ao ar livre é mais benéfico que passar horas sentadas, em sala de aula, baseando-se em livros didáticos.

É importante ter em seu cotidiano atividades ligadas à natureza. Por meio do livro - A Última Criança na Natureza: Resgatando nossas Crianças do Transtorno de Déficit de Natureza, de Richard Louv (2016), são apresentadas algumas sugestões para estimular a criatividade e passar um pouco mais do tempo em contato com a natureza.

Passar um pouco de seu tempo no quintal de casa, e se houver, fazer piqueniques em espaços abertos, contar histórias para as crianças sobre lugares da natureza que foram importantes durante a sua infância.

Reviver antigas tradições, como caçar vaga-lumes e ter uma coleção de folhas, envolver toda a família em atividades em meio à natureza, na grande maioria das vezes, os avós lembram-se de quando brincavam ao

ar livre. Estimular as crianças a acamparem no quintal, observarem as nuvens e construir sua casa na árvore.

### **O Turismo Pedagógico (TP) e o seu Potencial no Desenvolvimento da Criança e na Redução do Transtorno de Déficit de Natureza (TDN)**

O primeiro contato da criança com a sociedade é através do seu núcleo familiar, iniciando as suas descobertas e dando os seus primeiros passos para o seu desenvolvimento e para a evolução das suas capacidades cognitivas, abstração, percepção e racionalização local onde evoluem suas capacidades de cognição, abstração, percepção e racionalização; dando continuidade na escola (Bonfim, 2010). Para muitas crianças este precoce contato é traumático, pois não estando com os seus pais, sentem-se incomodadas em um ambiente que não conhecem, com pessoas estranhas que denota um espaço de tempo para acontecer a sua ambientação. Assim também pode acontecer nas primeiras saídas pedagógicas, a insegurança do novo, do desconhecido associado ao desconforto de estarem fora da zona de conforto, neste caso e igualmente na adaptação escolar a paciência, o afeto e a empatia de todos os envolvidos na atividade é imprescindível. O foco é deixar a criança confortável e com uma sensação de bem-estar e segurança (Bonfim, 2010).

Matos (2012) detalha o Turismo Pedagógico (TP):

O Turismo Pedagógico é uma experiência que proporcionará ao aluno, fora do ambiente da família e da escola, o uso de sua liberdade, ou seja, um momento em que ele desenvolverá o espírito de responsabilidade, frente a si e aos seus companheiros de viagem, exercitando sua sociabilidade, sua participação, sua liderança, seu respeito ao próximo e uma constante busca de soluções para os problemas novos e sua análise crítica aos padrões morais existentes. É um momento extremamente importante para aprendizagem do aluno, pois conta com a autonomia para construir e reconstruir símbolos (Matos, 2012).

O Teórico Rousseau (1996) já explanava em seus pensamentos que para aperfeiçoar o espírito humano a natureza deveria ser o guia e a melhor instrução era os fatos da vida, dizia que os fenômenos ocorridos na natureza trariam curiosidade, independência e autogestão:

[...] até os 12 anos, a criança deve receber o máximo de estímulo dos sentidos, pois, do ponto de vista de Rousseau, um dos grandes problemas da civilização é que as crianças aprendem a ler muito cedo e, com isso, fecham-se para o rico universo da experiência sensorial. Ver, ouvir, degustar, cheirar e tatear são atividades naturais que podem ser aprimoradas com a educação, mas, na maioria das vezes, a educação livresca das escolas colabora para o enfraquecimento dessas possibilidades [...] (Rousseau, 1996, p.55-56).

É muito importante que o professor planeje sua saída de campo, com antecedência e elabore um projeto para a saída, um Planejamento de uma Aula Especial, dedicado para uma experiência significativa do aluno, assim teremos uma aula em outras ambiências e não se torne apenas um passeio. O profissional da educação deve elaborar perguntas que exigirão uma reflexão por parte do aluno, proposta de trabalhos em grupo, ou individuais, o que estabelece o florescer de uma educação ativa, participativa e consciente e clara para todos os atores do processo educativo. Desta forma, teremos o real objetivo de uma saída de campo.

O Turismo Pedagógico (TP) apresenta algumas diferenciações, se comparado às demais modalidades de Turismo existentes. A oferta deste tipo de turismo, por exemplo, consiste nas possibilidades de exploração pedagógica ofertada por uma localidade, onde a demanda é motivada pela Educação, ainda que, em um contexto de lazer.

Torna-se um diferencial quando é o Professor o idealizador da saída de campo, com um planejamento, dados e informações detalhadas do local, ou área. Com conhecimento das características da região e dos potenciais, sejam históricos, culturais, geológicos, geográficos, sempre com o foco e um olhar na natureza. O conhecimento prévio do Professor é extremamente positivo, independente da saída ser para outra cidade, ou município. Lembrando que sempre deverá ser programada e preparada uma equipe de apoio, para a segurança das crianças (Bonfim, 2010).

O contato com a natureza beneficia os indivíduos em diversos sentidos, principalmente em seu desenvolvimento, atualmente é fundamental para as crianças desfrutarem da natureza, assim como terem uma boa alimentação e um sono adequado. Além disso, possibilita que as crianças sejam mais alertas,

tenham mais entendimento sobre seu próprio corpo, nutram a criatividade por meio dos materiais existente nesse ambiente, além de estimular a imaginação.

Na concepção de Louv (2016):

As crianças precisam da natureza para um desenvolvimento saudável de seus sentidos e, portanto, para o aprendizado e a criatividade. Essa necessidade é revelada de duas maneiras: ao examinar o que acontece com os sentidos dos jovens quando perdem a conexão com a natureza, e observando a magia sensorial que ocorre quando eles- mesmo os que já passaram da infância- são expostos a mais ínfima experiência direta em um ambiente natural. (Louv, 2016, p. 77).

A natureza é um ambiente repleto de incentivos, que fortalecem o desenvolvimento integral e facilitam o aprendizado, sendo relevante que faça parte do cotidiano de todos os sujeitos, não somente das crianças. Tanto os adultos quanto as crianças se beneficiam quando aproveitam os ambientes naturais; as áreas com árvores e paisagens revitalizam, diminuem a ansiedade, a depressão e a raiva e, em alguns casos, esses ambientes servem como forma de terapia.

Sob o ponto de vista de Louv (2016), o desenvolvimento infantil:

Em termos de desenvolvimento infantil, a diminuição do espaço de mobilidade doméstico não é uma questão menor. Uma infância passada em espaços confinados (ou no banco de trás de um automóvel) de fato reduz alguns perigos para as crianças, mas outros riscos aumentam, incluindo riscos à saúde física e psicológica, riscos à percepção da comunidade da criança, riscos à confiança e à habilidade de discernir o perigo real - e a beleza (Louv, 2016, p. 144).

Atualmente, torna-se um desafio que as crianças tão envolvidas com as tecnologias disponíveis se interessem em ter contato com a natureza, sendo os seus equipamentos muito mais interessantes e, até mesmo, hipnotizantes.

As saídas de campo são tentativas para que as crianças descubram outros ambientes, diferentes da sala de aula. Criando a possibilidade de uma interação com a natureza, com novas energias e esta ação torna-se urgente, pois muitas crianças residem em apartamentos, alguns com área de lazer, outros não, e o Passeio Normal se limita a lugares urbanos de ênfase no consumismo e na diferença de classe social e poder aquisitivo que dividem os jovens, como, por exemplo, os *Shopping's Center's*.

Atualmente o grande desafio é fazer com que as crianças não entrem em contato apenas através das Redes Sociais e por Jogos Virtuais.

Como expõem Louv (2016, p.32), que nos apresenta um relato na sua obra - *A Última Criança na Natureza*: “[...] prefiro brincar dentro de casa porque é onde há tomada [...]”. Em muitas salas de aula, ouvimos variações dessa frase. É verdade que para diversas crianças a natureza ainda provoca encantamentos, mas para outras parecia tão improdutivo, proibido, estrangeiro, fofo, perigoso, televisivo.

Ao brincar na natureza, cria-se uma confiança espontânea. A natureza oferece diversas possibilidades para formar-se a autodefesa da criança, aumentando a autoconfiança e podendo também aprimorar probabilidades para desenvolver habilidades psicológicas de sobrevivência, as quais auxiliam a detectar o perigo real, criando-se assim menos chances de acreditar em ameaças falsas.

Segundo Foscheira (2000):

Para que possamos implementar uma EA [Educação Ambiental] transformadora, há necessidade de democratizar a escola, de revisar sua natureza e finalidade, viabilizando um intenso processo participativo da comunidade escolar. O processo pedagógico deverá ser construído com base na concepção de que os envolvidos sejam sujeitos históricos, autônomos, críticos, criativos, cidadãos plenos voltados à construção de uma sociedade onde o centro seja a vida e não o mercado (Foscheira, 2000, p.44).

Por parte da Escola, é necessário que seja revisto e analisado o cotidiano coletivamente de forma interdisciplinar e que a avaliação, seja emancipatória, resultando assim no conhecimento como forma de melhorar a relação entre as pessoas. Além disso, a Escola deve ser um local onde tudo é discutido.

### **A Saída de Campo: O Currículo e a Realidade**

É comum que as saídas de campo sejam um privilégio das Escolas Particulares, em muitas já constam na grade curricular. Já as Escolas Públicas continuam rascunhando essa nova realidade. Dificuldades financeiras impedem as famílias dos alunos, ou pela responsabilidade com as crianças uma vez que as saídas de campo não são contempladas no Projeto Político Pedagógico da Escola (PPP), dentre outros impedimentos. Torna-se um grande desafio, para aqueles Docentes que compreendem a importância da ação pedagógica, para o desenvolvimento do seu aluno.

Porém, há soluções para esta situação e cabe a Gestão Escolar buscar as providências. Muitos locais considerados potenciais para o Turismo Pedagógico apresentam gratuidade no acesso, tais como: Museus, Sítios Históricos, Teatros, Cinemas, dentre outros, que têm em sua política interna a consciência de que podem e devem contribuir, em especial com as Escolas Públicas. É de conhecimento público, de que muitas crianças só recebem alimentação na Escola e investir em um passeio é impossível.

As Novas Diretrizes da Educação e os Temas Transversais (Brasil, 1997), provocam as Escolas Públicas. Sabemos que, o apoio dos órgãos governamentais, são demorados, ou até inexistentes, mas com um planejamento cooperativo entre a Comunidade Escolar, Instituições de Ensino, Famílias e, principalmente as Gestões, saídas de campo e passeios, podem ser concebidos sem a geração de custos, sendo necessário apenas a boa vontade e uma logística bem elaborada e colaborativa.

Como alternativa, há opções de locais com baixo custo, mas não menos interessantes, tais como propriedades particulares rurais que recebem visitas. Enquanto aprendem, descobrem uma nova realidade, uma nova capacidade e novas curiosidades.

Observa-se uma grande colaboração entre os Alunos com os Docentes, nestas oportunidades, onde a grande maioria sente que é responsável pelo outro. É evidente a geração de um comportamento solidário, seguro e afetivo. Tudo que é necessário para amenizar o Transtorno de Déficit de Natureza (TDN). A experiência do novo, sendo este novo a natureza é um momento mágico e de muita interação.

Sob o ponto de vista de Ansarah (2001), que detalha o objetivo do Turismo Pedagógico (TP):

Na atividade de turismo pedagógico, o importante é despertar o interesse do aluno para o novo conhecimento, pelo local, pelos usos e costumes da população. Afinal, é por intermédio do querer saber mais, da percepção, que o ser humano desenvolve seu senso analítico crítico e a vontade de conhecer mais a respeito de determinado assunto, enfim de pesquisar. Trata-se de uma atividade extraclasse, organizada pelas escolas com colaboração de empresas especializadas, e vivenciadas pelos alunos como forma de complemento de um conhecimento abordado em sala de aula, envolvendo deslocamentos e/ou viagens de maneira prazerosa. (Ansarah, 2001, p.294).

Ações Pedagógicas desenvolvidas junto à natureza ganham vida, propiciando experiências únicas de interação com o local, com algo real, provocando um conhecimento dinâmico, impulsionando uma interação desprovidas de críticas, alienações ou fantasias.

Na concepção de Hora e Cavalcanti (2003), que complementam:

As formas de relevo em uma aula de geografia estarão à vista, poderão ser percorridas; os impactos da poluição serão sentidos de perto em uma aula de campo sobre o meio ambiente; a aula de história ganhará formas nos monumentos históricos da cidade; as formas geométricas ganharão fascínio nas fachadas dos prédios e nos terrenos, enfim, são inúmeras as possibilidades do turismo pedagógico (Hora; Cavalcanti, 2003, p. 225).

O Turismo Pedagógico (TP) como uma alternativa articuladora entre educação e lazer, capaz de proporcionar o desenvolvimento do sujeito, no momento em que possibilita uma interação com o meio (Bonfim, 2010).

Apesar das tentativas, o Turismo Pedagógico (TP) tem sido apresentado, na maioria das vezes, como um segmento de mercado e não como uma prática educativa cujas raízes encontram-se nos aspectos norteadores da educação.

### **Os Seguintes de Turismo mais Utilizados pelas Escolas.**

No turismo hoje existem vários segmentos, podendo estes ser utilizados pelas Escolas, como o Ecoturismo, que teve iniciativa a partir de movimentos ambientalistas. Atualmente são ofertadas Agências de Turismo especializadas no assunto, entre os principais temas abordados estão à Conservação Ambiental aliada ao prestígio da economia das comunidades de entorno dos destinos turísticos, agrupamentos sociais estes que muitas vezes podem estar em situação de vulnerabilidade e acabam sendo valorizadas com os princípios de sustentabilidade, da preservação de seus modos de saber e fazer tradicionais, visando o equilíbrio social.

Esta prática de estudos vem cada vez mais sendo apreciada pelas Escolas e proporcionam, ao Aluno a conscientização das vicissitudes da proteção ao meio ambiente, sendo muitas vezes estendido em forma de trabalhos que ilustram o descarte, coletas e reciclagem de lixo e a importância e valorização da ação, bem como todo tipo de mecanismo útil para a preservação do nosso Planeta Terra.

Outro tema bem explorado seria o Turismo Rural (TR), no qual normalmente a visitação é feita em propriedades familiares. Os visitantes são recebidos pelos proprietários e funcionários. Algumas propriedades dão mais ênfase para a agricultura, outros para a pecuária.

Atualmente, a grande maioria das crianças vivem em áreas urbanas e desconhecem totalmente a origem, a produção, o cultivo e maturação dos alimentos que estão no seu prato. Desconhecem a origem e, muitas vezes, nunca viram uma vaca, ou até mesmo a sua ordenha. Imaginam que o leite saia apenas de uma máquina. Quando em saídas para estes locais, as crianças têm a oportunidade de conhecerem as árvores frutíferas, as hortas, os alimentos que fazem parte do dia a dia dos alunos de forma in natura e passam a valorizar os alimentos e avaliando as dificuldades de seu processo produtivo, evitando o desperdício.

Outra opção muito procurada pelos Docentes é o Turismo Cultural, abrangendo o resgate da História Regional e do Folclore, que estão aos poucos sendo abstraídos de nosso conhecimento, através deste contato, estes Alunos terão a possibilidade de uma aproximação com a cultura, costumes, valores, conhecimento empírico, tradições, fatos que fazem parte de nossa existência.

Durante as saídas e viagens pedagógicas os alunos se divertem muito e aguçam a sua curiosidade, porém, o foco principal dessas atividades é desenvolver, nos estudantes, habilidades importantes para a sua saúde física e mental no mesmo patamar da construção Discente, plural e pessoal.

Com este cenário é importante e digno de menção o aumento da procura de Escolas por espaços apropriados para esta prática do Turismo Pedagógico (TP). As Escolas estão buscando novas metodologias que ofereçam um melhor engajamento de seus alunos e uma maximização de ações educativas, e obtendo um retorno por parte dos Alunos, pois agora podemos unir a teoria com a prática da ação educativa (Bonfim, 2010).

Em um dos seus estudos sobre a mente humana, o renomado cientista Gardner (1995) chegou à conclusão, em suas pesquisas, que todo ser humano não tem uma, mas sim várias capacidades intelectuais latentes que se desenvolvem de maneira única em cada pessoa, conforme questões genéticas e culturais; afirmou que os indivíduos dispõem de oito inteligências, sendo elas: Linguística, Lógico-matemática, Espacial, Corporal Sinestésica, Musical, Interpessoal, Intrapessoal e Naturalista. Descobriu, também, que cada indivíduo tem uma maior habilidade para desenvolver determinada inteligência.

Quanto a esse assunto, os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1997) afirmam:

É importante salientar que o espaço de aprendizagem não se restringe à escola, sendo necessário propor atividades que ocorram fora dela. A programação deve contar com passeios, excursões, teatro, cinema, visita a fábricas, marcenarias, padarias, enfim, com as possibilidades existentes em cada local e as necessidades de realização do trabalho escolar. (Brasil, 1997 p.67).

Já ouviu falar em metodologias ativas? Conhece a Pirâmide da Aprendizagem, ou também conhecida como Pirâmide de William Glasser? O Psiquiatra americano William Glasser (1970) aplicou sua Teoria da Escolha para a Educação. De acordo com esta teoria, o Professor é um guia para o aluno e não um chefe.

O conceito da Pirâmide de Aprendizagem foi difundido por William Glasser (1970), psiquiatra norte-americano que estudava a saúde mental, o comportamento humano e a educação. Suas pesquisas trouxeram uma mudança na visão do ensino, ao induzir mais autonomia ao estudante.

A Teoria de William Glasser (1970) é uma das muitas teorias de educação existentes, e uma das mais interessantes, pois ela demonstra que ENSINAR, é APRENDER! A maior vantagem desse recurso é percebermos que o maior responsável pela nossa própria aprendizagem, somos nós mesmos. O Autor explica que não se deve trabalhar apenas com memorização, porque a maioria dos alunos

simplesmente esquece os conceitos após a aula. Além disso, o Autor também explica o grau de aprendizagem conforme a técnica utilizada.

A Teoria de Glasser (1970) vem sendo amplamente divulgada e aplicada por Professores e Pedagogos pelo Planeta. O Autor acreditava que: “A boa educação é aquela em que o Professor pede para que seus Alunos pensem e se dediquem a promover um diálogo para promover a compreensão e o crescimento dos estudantes”.

Logo, a experiência é mais bem absorvida, quando envolve a participação ativa de todos os interessados. Colocar o aluno em um ambiente novo e desenvolver com ele um trabalho relacionado às experiências vividas resultará em um melhor aprendizado.

A Pirâmide de Aprendizagem de William Glasser (1970), também conhecida como Cone de Aprendizagem, é um modelo que retrata os diferentes níveis de dificuldade quando se trata de aprendizagem. O modelo leva em consideração duas posturas de aprendizagem: a Passiva e a Ativa.

A Figura 1 apresenta a Pirâmide de Aprendizagem, de Glasser (1970), e conforme o Psiquiatra americano, William Glasser, este é o grau de aprendizagem, que o nosso cérebro absorve em diversas maneiras diferentes. Quanto mais alto na pirâmide, mais difícil é o nível de aprendizagem. O nível mais baixo, retenção, é o mais fácil de alcançar, enquanto o nível mais alto, criação, é o mais difícil.



**Figura 1 – A Pirâmide de Aprendizagem de William Glasser**

Fonte: SILVA, F. L.; MUZARDO, F. T (2018). Disponível em: <https://mariananegrao.com.br/wp-content/uploads/2023/02/1575929782300-1.png>. Acesso em: 02/02/2024.

Logo, a experiência é mais bem absorvida, quando envolve a participação ativa de todos os interessados. Colocar o aluno em um ambiente novo e desenvolver com ele um trabalho relacionado às experiências vividas resultará em um melhor aprendizado.

E para dar conta desse amplo objetivo, instituído pelos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's (Brasil, 1997), os quais estimulam a prática de estudos in loco como método de ensino.

As Novas Diretrizes da Interdisciplinaridade incentivam, para que os Docentes tenham as Saídas de Estudo como ferramenta didática que aproxima a teoria da realidade, vincula a leitura à observação das ações, associa a problematização à contextualização encaminhada pelo Docente, o que, desse modo; aumenta o nível de conhecimento dos alunos.

Essas possibilidades permitem que o educando experimente e desenvolva outras inteligências, que nem sempre são contempladas em sala de aula.

Notadamente aumenta a afetividade dos envolvidos o que torna clara a importância deste aprendizado tanto na parte didática como na parte psicológica, onde muitos alunos enfrentam seus medos entrando em harmonia com o meio ambiente e desenvolvendo a autoestima, a autonomia nas decisões e escolhas do dia a dia, com responsabilidade e cuidado com o próximo, e o local onde vive, despertando o sentimento de

conservação dos bens materiais, culturais e ambientais. É considerável quando possível que o docente consolide a dinâmica com a prática.

### CONCLUSÃO

Neste Artigo pretendeu-se enfatizar a importância de proporcionar para as crianças atividades ou até mesmo momentos livres em meio à natureza. Esses ambientes verdes proporcionam um desenvolvimento integral e adequado, as crianças usufruem desses espaços em seu benefício e praticam ações que, em espaços fechados, muitas vezes, não podem ser realizadas.

Por outro lado, percebemos que atualmente a vida das crianças está se tornando cada vez mais restrita, muitas delas vivem em espaços fechados e não têm contato com a natureza. Essas crianças passam grande parte de seu tempo livre sentadas no sofá em frente à televisão, celular ou videogame. Para muitos pais ou responsáveis é mais simples e prático proporcionar momentos assim que levar as crianças no parquinho, na praça a fim de desenvolver ou criar atividades que envolvam tempo, com os filhos. Por exemplo, pega-pega, esconde-esconde, amarelinha, corrida, jogos coletivos, dentre outros tantos.

A Escola busca exercer um papel importante nessa questão, em muitos casos as crianças têm somente o tempo da escola para poder desfrutar da natureza e praticar atividades físicas, ao ar livre. Porém, há uma compreensão de que há muito a se fazer e a urgência é imediata.

A Escola deve oferecer projetos para Passeios ou Saídas de Campo que proporcionem, além do próprio entretenimento dos passeios, o desenvolvimento do aspecto cognitivo, afetivo, cultural e social dos alunos. Por esse motivo, é essencial que as instituições escolares analisem seu planejamento e incluam atividades em meio à natureza para as crianças, para os seus alunos. Baseando-se na Escola, muitos pais podem perceber a importância que a natureza apresenta no desenvolvimento das crianças, que qualifiquem a qualidade de vida do seu filho (a), compreendam a origem das enfermidades do seu filho (a) e, por meio disso, ofereçam mais atividades ao ar livre.

A natureza oferece algo que a televisão, o celular, o vídeo game, ou os espaços fechados não têm. Proporciona um ambiente que contempla o infinito e a eternidade. A criança pode imaginar e criar seu próprio mundo sem limites.

### REFERÊNCIAS

ANSARAH, Marília Gomes dos Reis. **Teoria Geral do Turismo**. In: ANSARAH, M. G. dos R. (Org.). Turismo: como aprender, como ensinar. São Paulo: SENAC, 2001.

BONFIM, Mailane Vinhas de Souza. **POR UMA PEDAGOGIA DIFERENCIADA: Uma reflexão acerca do turismo pedagógico como prática educativa**. Turismo - Visão e Ação, vol. 12, núm. 1, 2010, pp. 114-129 Universidade do Vale do Itajaí Comburiu, Brasil. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2610/261056080007.pdf>  
Acesso em: 10/12/2023.

BRASIL. **Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Art. 225**. Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para a presente e futuras gerações. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. Disponível em:

<https://portal.stf.jus.br/constituicao-supremo/artigo.asp?abrirBase=CF&abrirArtigo=225#:~:text=225,as%20presentes%20e%20futuras%20gera%C3%A7%C3%B5es>

Acesso em: 15/12/2023.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**. Ministério da Educação e do Desporto: Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1997.

FOSCHIERA, Elisabeth Maria. **Educação Ambiental e Desenvolvimento: As Implicações Pedagógicas do Projeto Pró-Guaíba na Escola** - Pólo 2, Passo Fundo. 2000. 149 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Passo Fundo (UPF), Passo Fundo, 2000.



GARNER, H. **Inteligências Múltiplas: A teoria, na Prática**. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GIL, Antônio Carlos, 1946 - **Como elaborar projetos de pesquisa**/Antônio Carlos Gil. – 4ª. Ed. - São Paulo: Editora Atlas, 2002.

HORA, Alberto Segundo Espínola da; CAVALCANTI, Keila Brandão. **TURISMO PEDAGÓGICO: Conversão e Reconversão do Olhar**. In: REJOWSKI, Mirian; COSTA, Benny Kramer (Orgs.). **TURISMO CONTEMPORÂNEO: Desenvolvimento, Estratégia e Gestão**. São Paulo: Atlas, 2003.

LOUV, Richard. **A Última Criança na Natureza: Resgatando Nossas Crianças do Transtorno do Déficit de Natureza**. São Paulo: Editora Aquariana, 2016.

MATOS, Francisco de Castro. **Turismo Pedagógico: O Estudo do Meio como Ferramenta Fomentadora do Currículo Escolar**. SEMINTUR -VII Seminário de Pesquisa em Turismo no MERCOSUL. Turismo e Paisagem Relação Complexa. Universidade de Caxias do Sul [Caxias do Sul], 2012. Disponível em:

[https://www.ucs.br/ucs/eventos/seminarios\\_semintur/semin\\_tur\\_7/arquivos/01/01\\_Mattos.pdf](https://www.ucs.br/ucs/eventos/seminarios_semintur/semin_tur_7/arquivos/01/01_Mattos.pdf)

Acesso em: 02/02/2024.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **O Contrato Social – Princípios do Direito Político**. 3ª. Ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1996.

SILVA, F. L.; MUZARDO, F. T. **Pirâmides e cones de aprendizagem: da abstração à hierarquização de estratégias de aprendizagem**. Dialogia, São Paulo, n. 29, p. 169-179, 2018. Disponível em:

<https://mariananegrao.com.br/wp-content/uploads/2023/02/1575929782300-1.png>

Acesso em: 02/02/2024.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.